

Saverio Gaeta

PAPA LEÃO XIV



A HISTÓRIA DO NOVO PAPA
E OS DESAFIOS QUE AINDA VIRÃO

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Saverio Gaeta

PAPA LEÃO XIV

**A HISTÓRIA DO NOVO PAPA
E OS DESAFIOS QUE AINDA VIRÃO**

Tradução

Dandara Morena

 Planeta

Copyright © Adriano Salani Editore s.u.r.l., 2025.

Grupo Editorial Mauri Spagnol, Milão. Publicado em acordo com a LVB & Co. Agência Literária.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Dandara Morena Pereira de Souza, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: POPE LEO XIV, The Story of the new Pope

Preparação: Beatriz Camacho

Revisão: Wélida Muniz

Projeto gráfico e diagramação: Daniel Justi

Capa: PEPE nymi

Imagem de capa: Vatican Media

Adaptação de capa: Daniel Justi

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Gaeta, Saverio

Papa Leão XIV: a história do novo papa e os desafios que ainda virão/
Saverio Gaeta; tradução de Dandara Morena. – São Paulo: Planeta do
Brasil, 2025. 192 p.

ISBN 978-85-422-3707-8

Título original: *Papa Leone XIV*

1. Papado – História 2. Leão XIV, papa, 1955-

I. Título II. Morena, Dandara

25-2706

CDD 262.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Papado - História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação

São Paulo, SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

CAPÍTULO 1

A hora do 267º pontífice

9

CAPÍTULO 2

Rumo ao Conclave

19

CAPÍTULO 3

O papa da globalização

45

CAPÍTULO 4

Os desafios

83

A P Ê N D I C E

Dois mil anos de papas

125

A hora do 267º pontífice

Às 19h12 da quinta-feira, 8 de maio de 2025, entre os aplausos iniciais da multidão reunida na praça depois da fumaça branca da chaminé da Capela Sistina e das badaladas festivas dos sinos de São Pedro, que minutos após as 18 horas haviam anunciado o evento, a tradicional proclamação em latim “*Annuntio vobis gaudium magnum*” [Anuncio-vos uma grande alegria], seguida de “*Habemus Papam*” [Temos um papa], ressoou mais uma vez da varanda externa da Basílica do Vaticano.

A fórmula data de seis séculos atrás quando, em 1417, Martinho V tornou-se papa e finalmente se restabeleceu a união da Igreja em torno de um único pontífice, dando fim aos trinta e nove anos do Grande Cisma do Ocidente, que havia testemunhado três pretendentes competirem pela Cátedra de São Pedro. A escolha do texto foi inspirada no Evangelho de São Lucas, no qual um anjo anuncia aos pastores o nascimento de Jesus.

De acordo com uma antiga tradição, o Colégio Cardinalício subdivide-se em três ordens: bispos, sacerdotes e diáconos. E cabe exatamente ao cardeal protodiácono (o diácono mais antigo nas funções) — neste caso, o arcebispo francês Dominique Mamberti — pronunciar essas frases

curtas, mas determinantes, prosseguindo com a revelação do nome do eleito: “*Eminentissimum ac reverendissimum dominum, dominum Robertum Franciscum, Sanctae Romanae Ecclesiae cardinalem Prevost*” [O eminentíssimo e reverendíssimo senhor, senhor Robert Francis, cardeal Prevost, da Santa Igreja Romana].

A proclamação continua, enquanto propagam-se aos poucos pela praça algumas informações sobre quem foi eleito, sugeridas por aqueles que haviam reconhecido o nome e já conseguiam lhe atribuir um rosto, até chegar à apoteose: “*qui sibi nomen imposuit Leonem XIV*” [que se impôs o nome de Leão XIV). Logo, Papa Francisco permanece, por ora, sem o numeral, visto que o I só será acrescido a seu nome quando um sucessor o assumir novamente, chamando-se Francisco II.

Uma maioria inédita

Cerca de uma hora antes, no sigilo da Capela Sistina, os aplausos dos cardeais haviam marcado o momento no qual o recém-eleito conseguira a maioria requisitada de dois terços dos eleitores presentes: os 89 votos necessários dos 133 votantes deste Conclave para cumprir o regulamento fixado por João Paulo II na *Universi dominici gregis* [Todo o rebanho do Senhor] de 1996, que teve algumas poucas normas atualizadas por Bento XVI na *Normas nonnullas* [Algumas normas] de 2013 e que nunca foi alterada por Francisco, embora muitos rumores tenham corrido sobre sua suposta intenção de reduzir a maioria de dois terços para a simples metade mais um dos votantes.

Alguns minutos depois, aquele que até o começo da *sede vacante* era o prefeito do Dicastério para os Bispos pronunciou o tradicional “*Accepto*” [Aceito]: a fórmula por meio da qual ele aceitava a vontade recém-manifestada pela maioria absoluta dos confrades que o haviam convocado para ser o 267º papa da história. Quem lhe fez a pergunta da aceitação e, em seguida, a da escolha do nome fora o cardeal Pietro Parolin, que se tornou o primeiro na ordem dos cardeais bispos, substituindo o decano Giovanni Battista Re e o vice-decano Leonardo Sandri, ambos excluídos da Capela Sistina por terem mais de oitenta anos.

E assim iniciou-se um pontificado que confirma pela quarta vez seguida na Cátedra de São Pedro um cardeal não italiano, depois que, em 1978, a eleição do polonês Karol Wojtyła (João Paulo II) interrompeu uma tradição que perdurava desde 1523, após o falecimento do holandês Adriaan Florenszoon Boeyens d’Edel (Adriano VI), e prosseguiu com as sucessivas designações do alemão Joseph Ratzinger (Bento XVI), em 2005, e do argentino Jorge Mario Bergoglio (Francisco), em 2013, o primeiro papa não europeu.

Os símbolos da autoridade

Enfim, às 19h23, Leão XIV apresentou-se ao mundo, coberto pelos paramentos papais, que vestira com a ajuda do mestre das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice, Diego Ravelli, na chamada “Sala das Lágrimas”, o pequeno cômodo adjacente à Capela Sistina, onde eventualmente o novo papa pode dissolver a tensão do momento.

Vestiu a batina branca (que representa a pureza do santo padre), a mozeta vermelha (capa curta que cobre o busto e os braços, símbolo da autoridade do pontífice) e a estola vermelha (longa faixa coberta de ouro que pende do pescoço pelos dois lados do peito até o joelho, elemento distintivo de sua suprema dignidade universal).

O Papa Bergoglio, ao contrário, limitou-se à batina, interrompendo um costume que remontava ao Papa Leão IX, em 1048, e que já era mencionado no *Dictatus papae* de 1075: “Somente o papa pode usar a capa vermelha em sinal de autoridade e martírio”, evocando o manto escarlata que os soldados do governador puseram em Jesus no pretório; o pano branco, por sua vez, refere-se a sua ressurreição: “Vesti a túnica branca de Cristo”, declarou, por exemplo, Pio II em 1458. No *Rationale divinarum officiorum* de 1280, Guglielmo Durando pontuou: “O Sumo Pontífice se apresenta sempre vestido com um manto vermelho no exterior, porém, ao interno, está coberto de vestimentas brancas, pois a brancura significa inocência e caridade, o vermelho externo simboliza a participação na paixão (de Cristo). De fato, o papa representa Aquele que, por nós, deixou vermelha sua roupa”.

Até João Paulo II, em 1978, era costume o papa não pronunciar outras palavras além daquelas da bênção solene *Urbi et orbi* [à cidade (de Roma) e ao mundo]. O Papa Wojtyła dera início a uma nova modalidade, provocando até a perplexidade do cerimonialista que segurava o microfone, quando, em um inesperado ótimo italiano, entoou que os cardeais o haviam “chamado de um país distante”. Mensagem evocada novamente por Francisco, em 2013, quando ele disse que seus irmãos de fé haviam “ido buscá-lo quase no fim do mundo”.

O Papa Leão XIV foi ainda mais além, apresentando-se pela primeira vez com um discurso escrito, enunciado em um ótimo italiano e finalizado em oito minutos, antes de dar sua primeira benção *Urbi et Orbi*. E suas palavras, introduzidas por uma saudação extremamente atual — “Que a paz esteja com todos vocês” —, provocaram sentimentos de comoção e de grande esperança e confiança.

Uma velocidade surpreendente

A rapidez da eleição, depois de dois dias e somente quatro votações, acabou com as hipóteses da véspera, que imaginavam uma duração parecida apenas se o eleito fosse um dos “papáveis” mais apreciados pelos especialistas no Vaticano: o já secretário de Estado Pietro Parolin; o patriarca latino de Jerusalém Pierbattista Pizzaballa; o pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, Luis Antonio Gokim Tagle; ou o arcebispo de Bolonha, Matteo Maria Zuppi. Entretanto, a harmonia no Colégio Cardinalício mostrou-se acima de qualquer previsão, superando a difícil maioria de dois terços em um tempo recorde.

Entre as somente dez horas necessárias para a eleição de Júlio II na madrugada entre os dias 31 de outubro e 1º de novembro de 1503 (graças também a um acordo econômico com César Bórgia para obter os votos dos cardeais ligados a ele) e os 1006 dias necessários para eleger Gregório X — de 29 de novembro de 1268 a 1º de setembro de 1271 (quando os habitantes da cidade de Viterbo chegaram a abrir o teto da sala em que transcorria a votação) —, nesta circunstância recente também respeitou-se a tradição dos Conclaves

pós-Concílio Vaticano II, que sempre testemunharam a oscilação entre os dois dias de João Paulo I (1978, com 4 votações), Bento XVI (2005, com 4 votações) e Francisco (2013, com 5 votações), e os três dias de Paulo VI (1963, com 6 votações) e João Paulo II (1978, com 8 votações).

E isso mesmo com o número recorde de 133 cardeais ingressos na Capela Sistina para a eleição — dois a menos do que os eleitores previstos, por causa da ausência do espanhol Antonio Cañizares Llovera e do queniano John Njue —, em comparação com os 115 dos últimos dois Conclaves, em 2005 e em 2013. Na verdade, de acordo com o regulamento em vigor, “o número máximo de cardeais eleitores não deve superar 120”, mas a norma entra em conflito com a próxima: “nenhum cardeal eleitor poderá ser excluído da eleição ativa ou passiva por nenhum motivo ou pretexto”. Por isso, no dia 30 de abril, a congregação dos cardeais resolvera o dilema ao estabelecer que “Francisco, ao criar um número de cardeais acima de 120, no exercício de sua suprema autoridade, dispensou tal disposição legislativa, e logo os cardeais excedentes do número limite adquiriram o direito de eleger o pontífice romano”.

Os admitidos e os excluídos

Na mesma reunião, foi levada em consideração a vontade de não participar da votação, manifestada pelo cardeal Giovanni Angelo Becciu — condenado em primeira instância por um tribunal do Vaticano, em dezembro de 2023, a 5 anos e 6 meses de reclusão por desfalque e abuso do cargo na gestão dos fundos da secretaria de Estado do Vaticano — com um

comunicado pesaroso (considerando que continuam a pairar sombras sobre esse processo, as quais deverão ser esclarecidas em instância posterior): “Tendo no coração o bem da Igreja, a qual servi e continuarei servindo com fidelidade e amor, e também para contribuir com a comunhão e com a serenidade do Conclave, decidi obedecer, como sempre fiz, a vontade do Papa Francisco de não entrar no Conclave, embora permaneça convencido da minha inocência”. E procurou sair de cabeça erguida, exprimindo “apeço pelo gesto feito por ele” e desejando “que os órgãos de justiça competentes possam esclarecer os fatos de uma vez por todas”.

Curioso foi o caso singular de Philippe Nakellentuba Ouédraogo, de Burkina Faso, que até o *Annuario vaticano* de 2024 aparecia como nascido no dia 25 de janeiro de 1945, o que o teria excluído do Conclave. Contudo, na edição deste ano, sua data de nascimento aparece como sendo dia 31 de dezembro de 1945, o que o manteve no leito dos eleitores. A explicação foi que, na época de seu nascimento, não existiam registros civis no país, de modo que, no momento da ordenação sacerdotal, em 1973, ele escolhera junto ao ecônomo da diocese uma data ao acaso, útil para fins administrativos; porém, recentemente, Burkina Faso lhe concedeu uma nova data oficial. Por sua vez, o indiano George Alencherry não pôde entrar por apenas dois dias, tendo completado os oitenta anos no dia 19 de abril.

Entre o Conclave de 2013 e o de 2025, poucos dados bastam para que se compreenda a dimensão das intervenções de Francisco em relação aos eleitores do Colégio Cardinalício: a Europa perdeu dois (de 60 para 58, com a Itália perdendo 9, e a Alemanha, 3) e a América do Norte perdeu um (de 17 para 16); a América Central ganhou um (de 3 para 4),

e a do Sul, quatro (de 13 para 17, 2 dos quais concedidos para a Argentina); a África ganhou cinco (de 11 para 16); enquanto a Ásia os dobrou (de 10 para 20), e a Oceania os triplicou (de 1 para 3). Porém ainda mais relevante é o fato de que 22 cardeais são originários de países que tiveram um representante pela primeira vez, e quinze deles entraram na Capela Sistina. Vindos de setenta países (poderiam ser 71, se não fosse a ausência do queniano Njue), a viagem mais longa coube ao bispo Soane Patita Paini Mafi, isolado na ilha de Tonga, no meio do oceano Pacífico, que precisou de mais de 34 horas para chegar.

A vitória da estatística

A escolha do Papa Bergoglio de privilegiar nomeações nas “periferias do mundo”, como amava defini-las, teve como consequência significativa a ausência no Conclave de locais tradicionalmente cardinalícios: basta pensar que não estiveram presentes o arcebispo de Milão (que apenas no século XX forneceu dois papas: Pio XI e Paulo VI) e o patriarca de Veneza (que tem três papas na conta: Pio X, João XXIII e João Paulo I). O mesmo aconteceu com Paris, Toledo, Berlim, Cracóvia, Praga, Los Angeles, Sidney, mencionando apenas algumas dentre as principais sedes. E até na Cúria Romana faltavam o arquivista e o bibliotecário da Santa Igreja Romana, o prefeito do Dicastério para os Textos Legislativos, o segundo pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização.

Ainda que a Igreja não seja uma democracia representativa, é evidente que essas ausências tiveram um peso, visto

que, em geral, existem eclesiásticos de grande autoridade e preparação em sua liderança. Por outro lado, o próprio Bergoglio tinha conhecimento disso, ao ponto de ter afirmado entre as poucas confidências de sua autobiografia, *Vida: a minha história através da História*, que: “Por saber que, na época, Buenos Aires era uma sede historicamente cardinalícia, eu esperava que a cor púrpura também chegasse ali; e assim foi. Em 2001, João Paulo II decidiu me escolher como cardeal”.

Um problema concreto deste Conclave não foi apenas a lotação, mas também a origem geográfica variada dos muitos purpurados. Isso gerou um baixo grau de conhecimento recíproco, ao ponto de, pela primeira vez na história, os cardeais terem recebido um livro com a foto e o currículo de cada um deles e um crachá para manter preso no peito com nome, sobrenome e a informação se era eleitor ou não.

Apesar da pouca idade de muitos cardeais nomeados por Francisco, a média dos que entraram no Conclave manteve-se levemente abaixo dos 70 anos, alinhada com aquelas dos dois mais recentes, que chegaram a 72, mas inferior à média dos outros do século XX, e bem longe do recorde de 66 anos de média alcançado um século atrás, em 1922, na eleição de Pio XI. Curiosamente, visto que o novo papa tem pouco menos de 70 anos (seu aniversário é dia 14 de setembro), nesse caso, a estatística claramente teve razão.

Rumo ao Conclave

“Queridos irmãos e irmãs, preciso anunciar com profunda dor a morte de nosso santo padre Francisco”. Com a voz encoberta de emoção, às 9h47 do dia 21 de abril de 2025, Segunda-feira do Anjo, o cardeal Kevin Joseph Farrell anunciou em transmissão televisiva pelo canal do Vaticano o falecimento do pontífice, explicando que: “às 7h35 desta manhã, o bispo de Roma, Francisco, retornou à casa do Pai. Sua vida inteira foi dedicada ao serviço do Senhor e de sua Igreja. Ele nos ensinou a viver os valores do Evangelho com fidelidade, coragem e amor universal, particularmente a favor dos mais pobres e marginados. Com imensa gratidão pelo seu exemplo como discípulo verdadeiro do Senhor Jesus, recomendamos a alma do Papa Francisco ao infinito amor misericordioso de Deus Uno e Trino”.

Ao lado do cardeal Farrell, cujo papel de camerlengo da Santa Igreja Romana basicamente lhe concedeu a tarefa de liderar o período da *sede vacante* (ou seja, aquele de transição entre a morte do Papa Bergoglio e a eleição do sucessor no pontificado), estavam o cardeal Pietro Parolin (secretário do Estado do Vaticano), o arcebispo Edgar Peña Parra (substituto da secretaria do Estado) e o arcebispo Diego Ravelli (mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias), como que para dar uma imagem estética da integridade

do governo da Igreja no momento da partida do pontífice e na preparação das cerimônias fúnebres e do Conclave para a eleição do novo papa.

A notícia caiu como um balde de água fria sobre os fiéis católicos, mas também sobre inúmeras outras pessoas que, menos de vinte e quatro horas atrás, haviam assistido em transmissão exibida mundialmente, no domingo de Páscoa, a tradicional bênção *Urbi et Orbi* dada pelo próprio Francisco, embora sentado em uma cadeira de rodas. Todavia, nessa ocasião, todos puderam tomar ciência de que sua condição de saúde estava decaindo: a fixidez da expressão facial e a rigidez dos braços, erguidos com dificuldade para fazer o sinal da cruz, foram o que mais impressionaram.

Contudo, logo depois, Papa Bergoglio exigira que sua vontade irredutível fosse respeitada ao pedir à sua “sombra” nos últimos meses, o cuidador pessoal Massimiliano Strappetti, que o conduzisse com o papamóvel até os fiéis no hemicírculo da Praça São Pedro: “Obrigado por ter me levado até a praça”, será a lembrança comovente, confidencializada pelo próprio enfermeiro-chefe, das últimas palavras que lhe foram ditas pelo pontífice.

Um novo “relâmpago no céu sereno”

Nas semanas anteriores, até mesmo para Francisco, o hospital romano Gemelli tinha se tornado o “Vaticano número 3”, como o havia definido de forma irônica João Paulo II, em 1996, após sua milésima recuperação. Na verdade, desde que Wojtyła inserira no segundo lugar da lista a residência de veraneio do Castelo Gandolfo (aonde Bergoglio foi apenas duas

vezes sem nunca pernoitar, ao ponto de terem transformado as Vilas pontificias em museu), verificou-se formalmente uma promoção do hospital a “número 2”, já que, nos documentos com a data dos dias de internação, estava indicado como local de assinatura o próprio hospital, que se tornou, para todos os efeitos, uma nova sede de trabalho do pontífice.

Embora a internação tenha chegado como um *relâmpago* em céu sereno, no dia 14 de fevereiro, o sucinto comunicado emitido pela Sala de Imprensa do Vaticano colocava fim a uma série de rumores que, já havia algumas semanas, corriam a respeito das condições de saúde do papa, que apresentava uma dificuldade respiratória cada vez mais evidente. Após as primeiras declarações tranquilizantes, que assinalavam apenas “a escalada da bronquite nos últimos dias”, seguiu-se, no dia 17, um boletim bem mais severo, com a atualização relativa a “uma infecção polimicrobiana das vias respiratórias (com) um quadro clínico complexo que exigirá uma hospitalização adequada”, até sair o diagnóstico mais preciso, no dia 18, depois de uma tomografia torácica que revelou “o início de uma pneumonia bilateral”.

O problema principal para os médicos foi ajustar a terapia farmacológica, já que, de acordo com a explicação do doutor Massimo Andreoni, diretor-científico da Sociedade italiana de doenças infecciosas, “a infecção se deu por causa de diversos germes e a concomitante componente asmática pede o tratamento com cortisol, o que, por um lado, reduz os sintomas dessa patologia, mas, por outro, leva a uma redução das defesas do organismo, bem no momento em que é preciso combater as bactérias”. E, no dia 22, após uma grave crise respiratória, deu-se início à administração de oxigênio de alto fluxo.

Nos dias 28 de fevereiro e 3 de março ocorreram os episódios mais críticos, descritos como momentos dramáticos nos quais os médicos temeram que o paciente não fosse resistir: no primeiro caso, devido a “uma crise isolada de broncoespasmo, que determinou um episódio de vômito com inalação e uma piora repentina do quadro respiratório”; no segundo, devido a “dois episódios de insuficiência respiratória aguda, motivados por um acúmulo importante de muco endobronquial e um consequente broncoespasmo, com a necessidade de duas broncoscopias com aspiração de secreções abundantes”.

Na noite de 7 de março, um pouco antes da então tradicional reza do Rosário pela saúde do papa, foi divulgado um áudio no qual Francisco, em espanhol e com a voz fraca e a respiração pesada, agradecia “de todo o coração pelas orações que fazem pela minha saúde na praça”. Bem aos poucos, a lenta melhora prosseguiu, até que, no dia 22, chegou o anúncio de que Francisco teria alta no dia seguinte, com a prescrição de um período de repouso em convalescência de pelo menos dois meses. Contudo, a observação do coordenador da equipe médica, Sergio Alfieri, foi honesta: “Quando ele foi embora, prometeu não jogar fora o esforço feito. Acontece que ele é o papa, e não somos nós quem podemos ditar seu comportamento”.

O desejo de compartilhar

De fato, Francisco havia deixado bem claro para a equipe que cuidava dele no hospital Gemelli que desejava morrer em casa. Para ele, isso significava o quarto 201 de Santa

Marta, onde tinha decidido morar logo depois de sua eleição, renunciando ao tradicional apartamento no Palácio Apostólico, aquele com vista para a praça e usado aos domingos para a recitação do *Angelus*. Uma vez entendido que a situação era crônica e irreversível, pode-se imaginar que ele considerou insensato permanecer no hospital apenas para poder reagir, como havia feito em ocasiões anteriores. “Ainda estou vivo!”, para a pergunta banal: “Como está?”

Aliás, ele próprio, no outono de 2016, confidenciara: “Tenho a sensação de que meu pontificado será breve, quatro, cinco anos. É uma sensação um pouco vaga... talvez não seja assim... mas tenho a sensação de que o Senhor me botou aqui por pouco tempo. Mas é uma sensação, então deixo sempre abertas as possibilidades”.

Durante os quase trinta dias entre 23 de março e 20 de abril, a confirmação da observação de Alfieri era praticamente diária. Já no percurso de volta ao Vaticano, Francisco havia imposto o primeiro desvio, prolongando o trajeto até a basílica de Santa Maria Maior, a fim de entregar um buquê de flores a ser colocado no altar da Virgem *Salus Populi Romani* (a venerada ícone “Salvadora do povo romano”).

Em 6 de abril, no domingo do Jubileu dos Enfermos e o Mundo da Saúde, Francisco uniu-se aos peregrinos e dirigiu aos fiéis na praça uma saudação, após ter recebido o sacramento da reconciliação e ter atravessado a Porta Santa. Na homilia da Missa, preparada por ele e lida pelo arcebispo Rino Fisichella, utilizou palavras sinceras: “Com vocês, queridos irmãos e irmãs enfermos, compartilho muito minha vida neste momento: a experiência da enfermidade, de se sentir fraco, de depender dos outros para muitas coisas, de precisar de apoio. Nem sempre é fácil, mas é uma

escola em que aprendemos todo dia a amar e ser amado, sem reclamar e sem rejeitar, sem lamentar e sem desesperar, gratos a Deus e aos irmãos pelo bem que recebemos, entregues e confiantes naquilo que ainda está por vir”.

No dia 10 de abril, fez uma aparição surpreendente na Basílica de São Pedro, quando surgiu em uma cadeira de rodas e com uma vestimenta incomum (sem a batina branca, mas com um poncho argentino e calça preta), querendo ver o resultado das restaurações em andamento e rezar sobre a tumba de São Pio X. No entanto, uma escapada até a Santa Maria Maior caracterizou o dia 12 de abril, para a realização de uma oração diante da *Salus Populi Romani*. No domingo de Ramos, também houve uma descida não programada até a Praça de São Pedro: depois dos cumprimentos aos peregrinos, alguns minutos de oração diante da tumba do apóstolo e do monumento sepulcral de Bento XV.

A vontade de respeitar a tradição da visita aos detentos na jornada da Quinta-feira Santa o levou, no dia 17 de abril, até a casa de detenção Regina Coeli: “Gosto de fazer todos os anos o que Jesus fez, a lavagem dos pés, na prisão. Não consigo fazer este ano, mas posso e quero estar perto de vocês”. Para quem lhe perguntava como passaria a Páscoa, respondia: “Vou passá-la como posso”.

Em relação à Via-Crucis da Sexta-feira Santa no Coliseu, no dia 18 de abril, Francisco quisera escrever pessoalmente as meditações. E quem sabe se, ao escrever aquela sobre o “cireneu” que fora forçado pelos soldados a levar a cruz de Jesus pela dolorosa estrada do Calvário, sua mente não tenha se voltado para quando ele próprio se encarregou da cruz do pontificado (e talvez pensando também em seu próximo sucessor): “Não se ofereceu, eles o pararam. Tinha

o físico adequado, mas com certeza sua direção era outra, seu plano era outro. Com Deus, podemos nos chocar assim. E vale até hoje: enquanto alguém oferece tudo de si, pode estar em outro lugar, até em fuga, ou pode se aproximar. Simão de Cirene se viu sob Tua cruz sem tê-la pedido, como o jugo do qual um dia havia falado: ‘meu jugo é suave e meu peso é leve’¹.

No Domingo de Páscoa, tão esperado pelos peregrinos e por todos aqueles que estavam diante da televisão em cada parte do mundo, a última aparição pública, com a bênção *Urbi et Orbi* e a volta no papamóvel pela praça e pela Via della Conciliazione.

As horas finais

Na manhã seguinte, 21 de abril, o despertar por volta das 5h30 da manhã. Cerca de uma hora mais tarde, o papa se sentiu mal devido a um derrame, provavelmente do tipo hemorrágico (ou seja, causado pela ruptura repentina de uma artéria cerebral), que logo o fez entrar em coma e, em um arco de meia hora, o levou à morte. Não estando ligado diretamente aos problemas respiratórios que o afligiam havia algum tempo, ele pode ter sido provocado por um pico de hipertensão.

A dúvida sobre a eficácia de uma eventual intervenção imediata na *stroke unit*, a estrutura especializada no tratamento de transtornos cerebrovasculares agudos, caso ele ainda estivesse em recuperação no hospital, foi respondida

1 São Mateus 11:30.

pela professora Elena Bignami, presidente da Sociedade italiana de anestesia e reanimação: “Nada poderia ter sido feito. Ele teve um problema neurológico devastador, que o levou rapidamente ao coma”. Além disso, a professora explicou que o Santo Padre não sofreu.

Baseado em como foram seus últimos dias de vida, essa foi provavelmente a morte “em campo” que Francisco desejava. E, nos dias seguintes, o cardeal Giovanni Battista Re revelou que Francisco havia desmentido para ele os rumores sobre a própria renúncia, dizendo-lhe que nunca a faria porque “fui eleito por vontade do Espírito Santo. Se precisasse abdicar, isso seria um gesto rude, para dizer o mínimo. O que jamais farei”.

Na declaração de óbito oficial, o professor Andrea Arcangeli, diretor da Diretoria de Saúde e Higiene do Estado da Cidade do Vaticano, certificou que o falecimento fora causado por “acidente cerebrovascular, coma e colapso cardiocirculatório irreversível, em sujeito afetado por anterior episódio de insuficiência respiratória aguda em pneumonia multimicrobiana bilateral, bronquiectasias múltiplas, hipertensão arterial e diabetes tipo 2”.

Mesmo que o recorde de longevidade de Leão XIII, falecido em 1903 aos 93 anos e 4 meses, fosse realmente difícil de superar, Francisco, com seus 88 anos e 4 meses, ocupa agora o segundo lugar, seguido de Clemente XII que, em 1740, parou com 87 anos e 9 meses. Quem deu uma mão para que ele subisse mais ao pódio foi seu predecessor, Bento XVI, que, se tivesse permanecido na Cátedra de São Pedro até a morte, teria superado todos com seus 95 anos e 8 meses; contudo, no momento da renúncia, ele tinha apenas 85 anos e 10 meses, garantindo o quinto lugar.

Na abertura do testamento, descobriram que ele já o havia redigido em 29 de junho de 2022, “sentindo que o pôr do sol da minha vida terrena se aproxima e com viva esperança na Vida Eterna”. Nele, lê-se o motivo que o impulsionou a ser sepultado na Santa Maria Maior: “Sempre confiei à Mãe do nosso Senhor, Maria Santíssima, minha vida e o ministério sacerdotal e episcopal. Desejo que minha última viagem terrena se encerre exatamente nesse antiquíssimo santuário mariano, aonde me dirigia para rezar no início e no fim de cada viagem apostólica para entregar com confiança minhas intenções à Mãe Imaculada e lhe agradecer pelo cuidado gentil e materno”. E concluiu: “Que o Senhor dê a recompensa merecida àqueles que me amaram e continuarão a rezar por mim. Ofereci ao senhor o sofrimento que se fez presente na última etapa da minha vida para a paz no mundo e a irmandade entre os povos”.

O último legado de Francisco

O funeral ocorreu seguindo os novos rituais das exéquias, estipulados em documento publicado em novembro de 2024 pelo Departamento das Celebrações Litúrgicas Pontificias. Em comparação com o passado, a cerimônia se desenrolou com mais simplicidade, explicou o mestre monsenhor Diego Ravelli, pois: “Francisco pediu que alguns rituais fossem simplificados e adaptados para que a celebração das exéquias do bispo de Roma expressasse melhor a fé da Igreja no Cristo ressuscitado. O ritual renovado, além disso, deveria evidenciar ainda mais que as exéquias do romano pontífice são as de um pastor e discípulo de Cristo

e não as de um poderoso deste mundo”. Entre outras coisas, isso implicou que o corpo do papa fosse depositado em um caixão de madeira e zinco, enquanto no passado eram três os caixões: um de cipreste, um de zinco e um de carvalho.

Após dois dias de exposição na capela da sua residência, a Casa Santa Marta, os restos mortais do pontífice foram acompanhados em procissão pela Basílica Vaticana, entre cantos, leituras e orações, até o Altar da Confissão, diante do qual o caixão foi exposto sem tampa das 11 horas da manhã do dia 23 de abril até as 18 horas do dia 25, exceto as poucas horas noturnas necessárias para a limpeza da basílica. Segundo as estimativas da Sala de Imprensa do Vaticano, prestaram homenagem ao Papa Bergoglio cerca de 250 mil pessoas, muitas das quais lotaram depois a Praça de São Pedro, a Via della Conciliazione e arredores durante os dias do funeral.

Na noite do dia 25, o cardeal camerlengo Farrell realizou em São Pedro o ritual do fechamento do caixão, colocando dentro dele o Rogito, documento que narra resumidamente a existência terrena do Papa Bergoglio e relembra os momentos mais simbólicos e significativos, junto com as moedas cunhadas durante os doze anos, um mês e oito dias do seu pontificado.

A solene e emocionante cerimônia fúnebre do dia 26 de abril foi presidida pelo cardeal Re diante de numerosos representantes de outras denominações cristãs e de outras religiões, junto a 160 delegações oficiais, nas quais se destacavam o presidente italiano Mattarella, o estadunidense Trump, o alemão Steinmeier, o argentino Milei, o francês Macron, o brasileiro Lula, o ucraniano Zelensky, os representantes da União Europeia Costa, von der Leyen e Metsola,

os reis Filipe da Bélgica e Felipe VI da Espanha, os príncipes Albert II de Mônaco e William do Reino Unido. De impacto mundial, foi o encontro privado dentro da basílica entre Trump e Zelensky, que deu início a novas conversas de paz em relação ao conflito entre Rússia e Ucrânia, quase um último legado de Francisco.

Na homilia, o cardeal Re elaborou uma reflexão sobre as principais articulações do pontificado de Francisco, começando pela decisão de assumir como papa esse nome inédito, que “logo surge como a escolha de um programa e de um estilo, buscando se inspirar no espírito de São Francisco de Assis”; em seguida, recordou alguns dos pontos fundamentais de seu magistério, entre eles “em contraste com aquela que definiu como ‘a cultura do descarte’, a cultura do encontro e da solidariedade” e ‘construir pontes e não muros’, uma exortação que ele repetiu muitas vezes, unindo o serviço de fé como sucessor do apóstolo Pedro com o serviço do homem em todas suas dimensões”.

A homenagem da sua gente

O traslado do caixão sobre o papamóvel adaptado para a circunstância, ao longo de um percurso de seis quilômetros pelo centro histórico de Roma, representou um evento histórico, assistido por cerca de 150 mil pessoas. E, para acolhê-lo, havia na escadaria da entrada da Basílica Santa Maria Maior um grupo de mulheres e homens em situação de rua e carentes, para recordar o ensinamento de Francisco de que “os pobres têm um lugar privilegiado no coração de Deus”.

A tumba na qual o Papa Bergoglio foi sepultado se encontra na nave esquerda, no nicho lateral da capela da *Salus Populi Romani*. No bloco de mármore há apenas a inscrição FRANCISCUS e, no alto da parede de fundo, uma reprodução de sua cruz peitoral ampliada. Essa ideia lhe foi sugerida pelo atual arcepreste coadjutor da basílica, o cardeal Rolandas Makrickas, mas no início não obteve retorno: “Ele me respondeu não de cara, dizendo-me que os papas devem ser sepultados na basílica de São Pedro. Mas uma semana depois, me telefonou, dizendo essas palavras: ‘A Virgem Maria me disse: Prepare a tumba’”.

Depois de terem passado pelo sofrimento da morte e do funeral do papa — situação evitada há doze anos com a renúncia de Bento XVI, mesmo com o esgotamento que havia provocado aquela decisão imprevisível —, a essa altura abriu-se de fato o campo para as reflexões sobre quais traços da Igreja estavam se manifestando no horizonte e, depois, sobre qual imagem de homem e de papa seria a correta para visar o futuro da Igreja.

Mesmo lendo as tantas especulações dos meios de comunicação sobre os possíveis “papáveis”, me veio à mente uma reflexão perspicaz do arcebispo Georg Gänswein, fiel secretário de Bento XVI e profundo conhecedor das dinâmicas do Vaticano, no livro *Nada além da verdade*: “Cada membro do Colégio Cardinalício possui — escondida em um canto da mente e do coração — a consciência de que um dia Cristo poderia pedir-lhe que assumisse o papel de seu vigário na Terra. Mas, ao mesmo tempo, a não ser por conta de sérios problemas psiquiátricos, nenhum deles tem realmente a ambição de se sentar na Cátedra de São Pedro, bem conscientes do esforço material e, sobretudo,

da responsabilidade espiritual que tal cargo comporta e exige”.

De fato, quem aceita a eleição para papa não aceita apenas um cargo diante de um conselho administrativo que lhe propôs um emprego, e sim se declara disponível para liderar a Igreja Católica, comunicando isso formalmente diante do Colégio Cardinalício, jurando seu coração a Jesus Cristo, do qual se torna vigário, e invocando como testemunha São Pedro, do qual é o legítimo sucessor.

Nove dias de orações e sugestões

A rápida aproximação do Conclave é marcada pelas etapas das congregações gerais, reservadas a todos os cardeais — dentre os quais aqueles com mais de oitenta anos, excluídos da votação na Capela Sistina —, e das missas presididas por alguns deles, que assumem o nome de Novendiali, proveniente da antiga tradição romana dos nove dias de luto e oração, com celebrações eucarísticas em sufrágio do pontífice falecido, abertas a todos, mas que preveem a participação de grupos específicos a cada dia.

Trata-se de uma variedade de assembleias que pretendem demonstrar tanto o contexto do ministério do supremo pastor quanto a universalidade da Igreja de Roma. Em sequência, a partir do segundo dia (no primeiro ocorre a missa fúnebre), estão diretamente envolvidos os dependentes e os fiéis da Cidade do Vaticano, a Igreja de Roma, os Capitólios das Basílicas Papais, a Capela Papal, com a concelebração reservada aos cardeais, a Cúria Romana, as Igrejas Orientais, os membros dos Institutos de Vida

Consagrada e da Sociedade de Vida Apostólica e, mais uma vez, a Capela Papal para os cardeais.

As homilias dessas missas representaram uma primeira ocasião para alguns purpurados, após terem tecido elogios ao falecido pontífice, lançarem mensagens mais ou menos veladas, descrevendo as perspectivas e as exigências da Igreja em um tempo definido por todos como problemático, e até mesmo dramático, seja no âmbito religioso, seja no político.

Pietro Parolin, que coincidentemente presidiu a celebração do Jubileu dos Adolescentes e da segunda missa do funeral, chamou a atenção para o olhar da fé em tempos de crise, usando como exemplo Jesus ressuscitado que se apresenta aos discípulos que estão no cenáculo, onde se reuniram por medo: “Pode representar também o estado de ânimo de todos nós, da Igreja e do mundo inteiro. O pastor que o Senhor doou ao seu povo, Papa Francisco, terminou a vida terrena e nos deixou. A dor por sua partida, o sentimento de tristeza que nos assola, o turbilhão que sentimos no coração, a sensação de perda, estamos vivendo tudo isso, como os apóstolos entristecidos pela morte de Jesus. E o Evangelho afirma que, justo nesses momentos de obscuridade, o Senhor vem até nós com a luz da ressurreição, para iluminar nossos corações”. Uma homilia muito aplaudida pelos tantos fiéis presentes.

Mais direcionadas à “política interna”, as palavras do vigário da diocese de Roma, Baldassarre Reina, com evidentes sugestões para o futuro imediato, afirmaram que Jesus “conhece o peso que recai sobre cada um de nós na continuidade da missão, sobretudo enquanto buscamos o primeiro de seus pastores na Terra. Este não pode ser o

tempo de ficar em cima do muro, de táticas, prudências, o tempo que cede o instinto de andar para trás, ou pior, de revanches e de alianças de poder, e sim de uma disposição radical de entrar no sonho de Deus concedido às nossas pobres mãos. O que será dos processos iniciados? Nosso dever deveria ser discernir e ordenar o que foi iniciado, à luz do quanto nos demanda nossa missão, na direção de um novo céu e de uma nova terra”. Uma clara mensagem aos irmãos cardeais: prosseguir no caminho traçado pelo Papa Bergoglio.

Por sua vez, a homilia com tom bíblico de Mauro Gambetti, arcepreste da Basílica Vaticana, propôs uma interpretação da parábola sobre o Juízo Universal, afirmando, em continuidade ao pensamento de Francisco, que “não é a profissão de fé, o conhecimento teológico ou a prática sacramental que garante a participação na alegria de Deus, e sim o envolvimento qualitativo e quantitativo na existência humana dos irmãos menores. E o valor do humano é a soberania de Jesus de Nazaré, que na sua vida terrena compartilhou em tudo a fraqueza da nossa natureza, até ser rejeitado, perseguido e crucificado. A parábola, de fato, revela a suprema dignidade dos atos humanos, definidos à luz da compaixão, da solidariedade, da ternura, da proximidade à humanidade”. Em seguida, Gambetti evocou a necessidade de todos viverem na Igreja, ainda mais em uma época globalizada e secularizada, em nome de uma civilização do amor como instrumento de caridade e de paz.

Leonardo Sandri, vice-decano do Colégio Cardinalício, analisou a perspectiva imediata sob o aspecto espiritual: “Vivemos a passagem entre a conclusão da vida do sucessor de Pedro, Papa Francisco, e a concretização da promessa

para que, com o novo derramamento do Espírito, a Igreja de Cristo possa continuar seu caminho entre os homens com um novo pastor”. Ao passo que Víctor Manuel Fernández, ex-prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé, usou o contexto da celebração do Dia do Trabalhador, em 1º de maio, para enquadrar a “forte convicção de Papa Francisco: o valor infinito de cada ser humano, uma imensa dignidade que nunca se perde, que não pode ser ignorada ou esquecida em nenhum caso”. E Claudio Gugerotti, prefeito do Dicastério para as Igrejas Orientais, denunciou que “muitas vezes nos sentimentos os amos de Deus, os conhecedores perfeitos da verdade, sendo que somos apenas peregrinos a quem foi dada a Palavra, que é o Filho de Deus encarnado, porque aquilo que nos deu o dom de viver na glória de Deus é somente fruto da graça e da infusão do Espírito Santo, que nos faz, de fato, ‘espirituais’”.

Uma espécie de “convocação às armas” de religiosas e religiosos foi depois lançada por Ángel Fernández Artime, pró-prefeito do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada: “No interior do povo de Deus, as pessoas consagradas são iguais sentinelas que vislumbram e anunciam a vida nova já presente na nossa história. Fomos convocados, por causa de nosso batismo e da profissão religiosa, a testemunhar que apenas Deus concede plenitude à existência humana e que, consequentemente, a nossa vida deve ser um símbolo eloquente da presença do Reino de Deus no mundo de hoje. Logo, somos convocados para sermos no mundo um símbolo crível e luminoso do Evangelho e de seus paradoxos, sem nos conformarmos com a mentalidade deste século, mas, sim, transformando e renovando continuamente nosso trabalho”.